

PEDRO CHAGAS FREITAS

prometo perder

Só quem nunca amou nunca perdeu

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS
EDITORA

Pense: desde quando você suporta o que não aguenta?

Somos todos apaixonados e malucos, perdoe a redundância.

Foi assim que ela lhe disse, com aquele ar quase inconsequente com que dizia quase tudo.

Somos todos apaixonados e malucos, perdoe a redundância.

Ele continuava sem entender. Não a conhecia de lugar nenhum e no entanto ali estava, no meio da rua, ouvindo uma desconhecida que lhe deu vontade de abraçar (eu casava contigo agora mesmo, raios me partam, o que eu iria fazer se o fizesse?, sei lá bem eu quem é você, mas eu casava contigo agora mesmo, juro).

Foram os malucos e os apaixonados que mudaram o mundo, sabia?

Ele disse que sim com a cabeça (é tão linda, como a quero e não sei quem é, como se chama, o que raios quer de mim, é tão linda e casava-me com ela agora mesmo), quis arrancar para uma frase mas foi interrompido.

Já falei com o senhor padre e caso contigo hoje às quatro, vem?

Ele gaguejou (sim, sim, claro que sim, é já, agora, imediatamente, e já parece tarde, se quer saber), a pele ficou de uma cor bastante próxima de um vermelho tórrido, conseguiu apenas perguntar por quê, nem que para isso tenha demorado uns bons dez segundos — talvez mais, que nunca uma palavra tão curta parecera tão interminável.

Abomino explicações, prefiro sensações. Te amo desde que te vi pela primeira vez. Há cerca de dois minutos, portanto. Já não é motivo pouco para casar, não acha? Casa-se por amor e eu te amo. Basta-me. E a você?

Ele ficou sem resposta (os seus olhos, a sua boca, as suas mãos, a sua voz, quero isso tudo para sempre, que outro motivo pode haver para casar com alguém senão o de querer aqueles olhos e aquela boca e aquelas mãos e aquela voz para sempre?), mas agiu: agarrou-a pelo braço e a levou consigo até a igreja, não sem antes pagar uns trocos a dois mendigos para assistirem à cerimônia (se há coisa para a qual o dinheiro é útil é para ajudar a amar, foi para isso que ele foi criado, na verdade: como instrumento de amor, que mais?).

Sim, como um louco.

Respondeu, quando o padre lhe perguntou se queria casar com aquela mulher (você vai ser minha, que sorte, vai ser minha, a quem tenho de agradecer

a sorte de você ser minha?, me diga que eu vou lá agora mesmo, a quem tenho de agradecer a sorte de você ser minha?) de quem acabara de saber o nome.

Quando eu estiver ficando normal me interne num hospital para malucos.

Ele disse que sim, claro. Os dois mendigos libertaram uma lágrima, não se sabe se por enfado se por emoção. E o padre deu ordem para o beijo de praxe.

Prometo perder.

Prometo por vezes fraquejar, por vezes cair, por vezes ser incapaz de ganhar. Nem sempre conseguirei superar, nem sempre conseguirei ultrapassar. Nem sempre poderei ser capaz de ir tão longe como você me pede, de te dar exatamente o que você merecia que eu te desse. O que desesperadamente te quero dar. Nem sempre conseguirei sorrir, também.

Prometo perder.

Prometo ainda me manter vivo depois de cada derrota, resistir ao peso insustentável de cada impossibilidade. Há de haver momentos em que sem querer te magoarei, momentos em que sem querer tocarei no lado errado da ferida. Mas o que nunca vai acontecer é desistir só porque perdi, parar só porque é mais fácil, ceder só porque dói construir.

Prometo perder.

Porque só quem ama corre o risco de perder; os outros correm apenas o risco de continuar perdidos.

Prometo perder.

Porque só quem nunca amou nunca perdeu.

(a inutilidade da perfeição)

Fomos adultos antes do tempo.

Ontem senti a sua falta. Mais uma vez a sua falta. Estava uma menina brincando no jardim e eu quis te dizer que podia muito bem ser a nossa. A menina que nunca tivemos. Se tivéssemos arriscado teria sido assim, tenho certeza. Uma menina com a sua cara de anjo e essa cabeça linda. De mim herdaria a responsabilidade. Só espero que não herdasse o orgulho. O canalha do orgulho.

Há uma pessoa a mais num casal quando existe o orgulho a separá-lo.

Eu podia te ligar e te dizer que sim. Que você tinha razão. Tinha sempre razão. A dona da verdade. E tinha. A verdade é que tinha. E eu sempre neste braço de ferro em que ambos perdíamos. Em que ambos nos perdemos.

Há um casal que se dobra a cada braço de ferro que se faz.

Eu podia te falar das noites que nunca acabam. São sempre as noites, não é? De dia há pessoas, o emprego (a Joana da recepção fala todos os dias de você, quer saber como você está e eu só lhe digo que deve estar bem, está certamente bem, é pelo menos nisso que quero acreditar, ou talvez não, talvez quero acreditar que não está bem como eu não estou bem, como se pode estar bem quando se chega em casa e você não está?), a luz ainda vai ajudando a tapar a sombra que ficou em mim, depois alguém conta uma piada, outra revela um segredo, e a vida vai andando. Que ironia, não é? Eu, que nunca quis ir andando, que sempre recusei o que todos os outros tinham (“ai de nós se caímos na rotina, quando isso acontecer nos mate imediatamente, por favor”; e você matou, e você matou), me contentando com esse mais ou menos feliz, esse mais ou menos vivo.

Há um menos a mais em cada mais ou menos que se vive.

Mas depois chega a noite, como eu te dizia. A noite não passa. E se estende. Me ocupa. O médico me deu umas drogas quaisquer para aguentar. E mesmo assim você me entra pelos sonhos, fecho os olhos e você está lá, abro e está lá. Éramos tão felizes, não éramos? Me resta continuar, apenas isso. Acreditar que um dia você percebe que só nos faltou esquecer a maturidade.

Há razão a mais quando um casal se esquece de por vezes perder a razão.
Fomos adultos antes do tempo, crianças fingindo ser sérias, meninos brincando de casamento. E o orgulho. Já te falei nele? Vou te falar de novo. Vou te explicar outra vez. Basta que você atenda o telefone. Só mais uma vez, vá.

Amar sem ser amado de volta é péssimo; mas amar e ser amado de volta é uma catástrofe.

Quando te encontrei estava capaz de amar alguém para sempre desde que não amasse tanto assim: desde que não fosse tão fundo assim. O amor impede qualquer tipo de eternidade — e é isso mesmo que o faz eterno. Amar alguém que se ama é uma impossibilidade. Ou você ama na medida do possível ou é impossível amar. Nenhuma vida resiste a um amor.

“Se não te amasse eu iria te fazer feliz”, disse ele, olhos nos olhos dela. E depois se levantou, acendeu um cigarro, e explicou com toda a calma do mundo: “se não te amasse eu podia te fazer feliz, dar o que você tanto quer. Podia ser compreensivo, tranquilo, pacífico, procurar o equilíbrio entre nós, uma relação saudável até. Mas a merda é que eu te amo. A merda é que eu te amo. Eu te amo e tudo o que não consigo ser é compreensivo, tranquilo, pacífico, muito menos equilibrado. O amor pode ser muita coisa mas não é nada disso. O amor não pode ser nada disso. Eu te amo e é por isso que não consigo te amar. É isso. No fundo era isso que eu tinha para te dizer. Que te quero em mim vinte e quatro horas por dia, que te procuro como se procura o pão, que te desejo como se deseja a vida inteira. E isso me inquieta, me desassossega, me impede de te dar o que você me pede, de ser o que me pede para ser. Me pede para te amar com calma, mas que caralhos tem a calma que ver com o amor”, perguntou-lhe, uns segundos antes de lhe pedir desculpas pela linguagem grosseira — “é o amor, é mais uma vez o amor que me faz falar assim”, justificou-se. Ela não reagiu. Pelo menos o corpo não reagiu. Manteve-se serena, a olhá-lo. Ele continuou, as malas já feitas junto à porta. “Sei que você não vai me entender. Sei que não vai me perdoar. Como se perdoa uma coisa dessas? Como se acredita em alguém que nos diz que nos ama assim e que depois nos abandona assim? Você vai me chamar de mentiroso, cabrão, filho da puta traidor, e eu vou te agradecer cada palavra. Sei que todas as palavras são pequenas para uma dor assim. Me dói em partes impossíveis do meu corpo, em partes que nunca pensei que pudessem doer. Eu te deixo para te deixar viver. Para me permitir a consciência limpa de te ter libertado de mim. Quem sabe um dia uma outra

pessoa te ame menos e por isso te ame como você merece”, perguntou-se, e desta vez não esperava resposta. “Há quem fale em amores doentes, em amores que se precisam demais. E eu só me pergunto como se pode algum dia dizer que um amor é demais se só se for demais se pode dizer amor. Eu te peço o desassossego, por mais que a idade me peça a paz. Fique para me dar cabo da cabeça para sempre ou vá embora já”, foi a decisão que ela deixou nas mãos dele, os dois parados, de pé, um diante do outro, os olhos e as lágrimas. Foi então que o impensável aconteceu.

O mais doloroso nem é saber que você leva outra pessoa para a cama. Estou, se quer saber, realmente pouco ligando para isso. O mais doloroso é saber que você tem outros ombros para pousar a cabeça: o mais doloroso é saber que há agora outra pessoa a te ver chorar. A intimidade maior é a das lágrimas. É no interior da fragilidade que a ligação acontece. E agora há outra pessoa que chora contigo, outra pessoa que vê as suas insuficiências, outra pessoa que tenta ocupar os espaços vazios do que você não consegue ser.

O que junta as pessoas é o que não se consegue ser: o que ficamos sempre aquém de ser.

Fomos felizes tantas vezes. Brincamos, inventamos, rimos que nem malucos por horas a fio. E nos amamos. Nos amamos tanto. Em todos os lugares, de todas as maneiras. Recusando os limites e sempre sem nunca os ultrapassar.

O que junta as pessoas é recusar os limites juntos e ainda assim nunca os ultrapassar.

Fomos felizes tantas vezes, já te disse. E no entanto quando olho para trás entendo com nitidez que o que mais fica, o que mais nos fica, é a dificuldade e o que fizemos com ela. E foi aí, quando algo faltava, que nunca nos faltou nada. Quando dói o que não se consegue, é só o amor que consegue.

O que junta as pessoas é aquilo que se consegue quando dói o que não se consegue.

Amar é também uma questão de confiança: da confiança que nos dá. Alguém que se sente amado, verdadeiramente amado, é alguém indestrutível. Sente em si uma força imparável, um herói por dentro de si. Contigo eu nada temia, contigo tudo era ultrapassável. Até que chegou a preguiça.

O que junta as pessoas é conseguir reagir quando chega a preguiça.

Fomos desaparecendo. Cada vez mais confortáveis e cada vez mais distantes. O conforto afasta, repele: integra. E o amor não é para ser integrado. O amor é longe: tem de ser longe para aproximar quem se ama. Para ser algo sempre externo que nos preenche por todos os lados. Um amor integrado é um amor acabado: um meio-amor, um semiamor, um amor levezinho. O amor pode ser muita coisa mas nunca levezinho. O amor é da pesada e é por isso que mui-

to poucos são capazes de o suportar durante uma vida inteira. Nem nós. E agora você é de outra pessoa e eu não sou de ninguém. Talvez um dia consiga voltar a dormir com alguém, voltar a entregar o meu corpo a alguém. Mas as minhas lágrimas dificilmente deixarão de ser suas.